

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Commercio

Class.: 1206

Data: 05/01/90

Pg.: \_\_\_\_\_

# Imensa riqueza mineral atrai todos a Roraima

**BRASÍLIA** — Centenas de toneladas de ouro, prata, diamante, molibdênio, terras raras e reservas de cassiterita ainda não medidas, mas comparáveis às maiores existentes no País, despertam o interesse, não apenas de milhares de garimpeiros que invadiram as áreas indígenas Ianomani, em Roraima, mas também das grandes mineradoras nacionais, como a Paranapanema, ou estrangeiras, como a Brascan. “A província mineral de Roraima é comparável à da Serra dos Carajás”, acredita o governador de Roraima, Romero Juca, — acrescentando que “o setor mineral é que viabilizará o Estado”.

A exploração mineral em terras indígenas, no entanto, somente será feita mediante prévia autorização do Congresso Nacional, com a permissão das comunidades indígenas diretamente envolvidas. Isto é o que estabelece o artigo 231 da Constituição Federal, que ainda exige lei complementar. “Todos os alvarás de pesquisa já concedidos pelo Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM) em áreas indígenas foram anulados”, afirmou o diretor de Fomento do DNPM, Gerobal Guimarães, explicando que, agora, “cabe ao Congresso Nacional aprovar ou não a atividade mineral em áreas indígenas”.

Em Boa Vista, capital de Roraima, prossegue a “Operação Saúde” em socorro aos índios Ianomani atingidos por doenças como malária e, também, por desnutrição. O governador Romero Juca colocou o avião do Governo à disposição da operação, mas critica a falta de um helicóptero da Força Aérea Brasileira (FAB), que poderia levar médicos e medicamentos às áreas indígenas mais isoladas. Somente na próxima semana é que a Polícia Federal, com o apoio de es-

pecialistas do Exército em guerra na selva, entrará nas pistas clandestinas para a retirada dos garimpeiros das áreas indígenas.

O ministro da Justiça, Saulo Ramos, garantiu, ontem, que o Governo não usará de violência para a retirada dos garimpeiros de Roraima. Caso haja resistência dos garimpeiros, segundo Saulo Ramos, o Governo apelará para o confisco de todo o material utilizado na garimpagem. “Sem material de garimpo, os garimpeiros não terão mais como permanecer nas áreas dos índios”, assegurou. O ministro da Justiça acredita no sucesso da operação e acha que em um mês toda a área indígena estará liberada.

Saulo Ramos lembrou ainda que o Gover-

no está disposto a ser tolerante com os garimpeiros, podendo prorrogar o prazo da retirada, caso haja dificuldades para convencer os mais resistentes. “Garimpeiro também é gente”, frisou o ministro. “O tempo de retirada não é importante, mas sim a eficiência da operação, que se propõe a retirar todos os invasores”, acrescentou.

Atualmente, a produção de ouro dos garimpos nas áreas indígenas chega a três toneladas. Mas somente de 600 a 700 quilos são declarados na Receita Federal. “O contrabando de ouro para outros países chega a mais de 60% da produção”, afirma o governador Romero Juca. “Temos de dar um basta a esta situação sem criar clima de caos social em Roraima”, finalizou.

## Drama e comédia na selva

**BOA VISTA** — A Funai não conseguiu iniciar, na prática, a operação de combate à malária nas áreas indígenas onde habitam os ianomani. O motivo é que não havia índio para que os técnicos pudessem colher sangue e fazer as lâminas. Quando o pessoal da Funai, médicos e enfermeiros, chegou a Surucucus e Paapiú encontrou apenas algumas pessoas. A maioria dos índios havia tomado o mesmo rumo dos garimpeiros, fugindo para longe dos postos.

A explicação para o fato é simples: em contato direto com os garimpeiros há mais de dois anos, os índios são, hoje, totalmente dependentes das cantinas e das cozinhas existentes nas pistas. É lá que eles são alimentados e recebem outros cuidados. Tão logo os garimpeiros começaram a fugir, com medo da Polícia Federal, os índios levantaram acampamento e fugiram junto.

O fracasso da operação empreendida pela Funai já no seu primeiro dia teve lances pitorescos. No Paapiú, onde estão localizados o posto médico e uma grande quantidade de barracos de garimpeiros, o ambiente era deserto. As equipes foram recebidas apenas por um técnico da Funai e por dois guardas da Sucam.

Eles estavam lá há dias, sem trabalhar, porque não fora providenciado um gerador para alimentar os aparelhos, como um sofisticado microscópio, onde são feitos os exames das lâminas que contêm o sangue colhido dos índios e garimpeiros. Os dois únicos índios existentes no Paapiú, eram os levados pela Funai e que estavam na Casa do Índio, em Boa Vista, completando o tratamento médico.

No posto de Surucucus, região onde vivem mais de 3 mil ianomani, a situação era pior ainda. O médico da Funai que cordena a operação, José Leite Saraiva, estava desolado: “O pessoal faz a denúncia lá em Brasília e quando a gente chega aqui a situação é completamente diferente”.

Na verdade, os técnicos da Funai esperavam encontrar os índios concentrados ao redor dos postos; no entanto, nem mesmo o posto ficou aberto. No meio da tarde, aproveitando uma carona no avião da FAB, a responsável pelo funcionamento do local, que não quis dar seu nome, trancou as portas e voou para Boa Vista. Todos os índios, à exceção de um pequeno grupo de 10 a 12 pessoas que vivem há anos em Surucucus, fugiram com os garimpeiros.